

Parte quarta – Das esperanças e consolações

Capítulo I – Das penas e gozos terrestres

Item 2. Perda dos entes queridos

936. Como é que as dores inconsoláveis dos que sobrevivem se refletem nos Espíritos que as causam?

R. “O Espírito é sensível à lembrança e às saudades dos que lhe eram caros na Terra; mas, uma dor incessante e desarrazoada o toca penosamente, porque, nessa dor excessiva, ele vê falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao adiantamento dos que o choram e talvez à sua reunião com estes.”

Estando o Espírito mais feliz no Espaço que na Terra, lamentar que ele tenha deixado à vida corpórea é deplorar que seja feliz. Figuremos dois amigos que se achem metidos na mesma prisão. Ambos alcançarão um dia à liberdade, mas um a obtém antes do outro. Seria caridoso que o que continuou preso se entristecesse porque o seu amigo foi libertado primeiro? Não haveria de sua parte, mais egoísmo do que afeição em querer que do seu cativo e do seu sofrer partilhasse o outro por igual tempo? O mesmo se dá com dois seres que se amam na Terra. O que parte primeira é o que primeiro se liberta e só nos cabe felicitá-lo, aguardando com paciência o momento em que a nosso turno também o seremos.

Façamos ainda, a este propósito, outra comparação. Tendes um amigo que, junto de vós, se encontra em penosíssima situação. Sua saúde ou seus interesses exigem que vá para outro país, onde estará melhor a todos os respeitos. Deixará temporariamente de se achar ao vosso lado, mas com ele vos correspondereis sempre: a separação será apenas material. Desgostar-vos-ia o seu afastamento, embora para bem dele?

Pelas provas patentes, que ministra, da vida futura, da presença, em torno de nós, daqueles a quem amamos, da continuidade da afeição e da solicitude que nos dispensavam; pelas relações que nos faculta manter com eles, a Doutrina Espírita nos oferece suprema consolação, por ocasião de uma das mais legítimas dores. Com o Espiritismo, não mais solidão, não mais abandono: o homem, por muito insulado que esteja, tem sempre perto de si amigos com quem pode comunicar-se.

Impacientemente suportamos as tribulações da vida. Tão intoleráveis nos parecem, que não compreendemos possamos sofrê-las. Entretanto, se as tivermos suportado corajosamente, se soubermos impor silêncio às nossas murmurações, felicitá- -cosemos, quando fora desta prisão terrena, como o doente que sofre se felicita, quando curado, por se haver submetido a um tratamento doloroso.

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 0936).

Livro 19

Capítulo 936 – Dores inconsoláveis

0936 LE

As dores inconsoláveis da separação pela desencarnação, vêm pela falta da devida compreensão. Para o espírita, isso não pode acontecer, pois ele é consciente de que a vida continua depois do túmulo e que os chamados mortos podem se comunicar com os vivos. Desta forma, já se estabelece entre os dois planos de vida a consolação.

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valem pelo que fazemos.

Foi neste sentido que Jesus, para ajudar a humanidade, disse e o apóstolo João anotou, no capítulo catorze, versículo dezesseis, que enviaria outro Consolador, para ficar conosco eternamente. Essa consolação, essa volta, foi pela Doutrina dos Espíritos, que faculta igualmente a instrução para a humanidade.

Quando o Espírito se encontra no mundo espiritual, ele tem saudades igualmente dos que ficaram na Terra, mas espera-os no mundo da verdade para se juntarem, com outros ideais e, possivelmente, retornarem juntos ao mundo. Não há necessidade dos que ficam sentirem dores inconsoláveis; os que sofrem com a separação, é por ignorarem todos os acontecimentos espirituais. Se tu, que sobrevivês àqueles que te são queridos, te inquietares pela separação, cuida de ouvir que essa separação é temporária, e o amor verdadeiro os reunirá novamente no mundo espiritual, se a revolta não empanar teu coração.

A desencarnação é processo movimentado pela lei de renovação dos sentimentos, e Deus deseja que assim aconteça, para que as criaturas possam libertar-se da escravidão, principalmente dos bens materiais e do apego às pessoas. Ninguém é de ninguém; todos somos iguais e devemos amar acima de tudo somente Àquele que nos criou, porque amando a Deus estaremos, por força da lei, amando aos nossos semelhantes.

Se desejas ficar mais perto dos que partiram, tem confiança em Deus e ora por eles. Se lamentares sua partida, desprenderás do teu coração forças negativas que podem prendê-los e fazê-los sofrer. Sendo Espírito superior, ele é o que é, mas, mesmo assim, sente a inferioridade daqueles seus que não compreenderam a lei de renovação da vida, da lei das trocas das vestes físicas. A tua revolta pode te fazer ficar distante dos teus entes queridos. Passa a alimentar a ti, Espírito, daquele alimento divino, onde o amor é a base e a caridade o suprimento.

Disse-lhes Jesus:

A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra. (João, 4:34)

Deves esquecer-te dos lamentos ante uma desencarnação, processo esse para o próprio bem dos que partem e treinamento para os que ficam. Desde quando existem encarnados na Terra, existem partidas. Por que não nos acostumarmos com a realidade?

O alimento do Espírito é mais sutil do que o alimento do corpo, e Jesus nos ensinou como alimentar a alma: o melhor alimento para ela é o amor. Quem ama verdadeiramente, não blasfema, nem ignora as transformações necessárias, das quais a natureza é o agente.

Não deves apegar-te à lembrança dos que já se foram. Certamente que não podes esquecer a gratidão pelo que recebeste dos corações que amas, com os quais viveste muito tempo, mas não tanto a ponto de chegar a certos distúrbios emocionais.

Oremos por todos, que todos oram por nós. Diante da Doutrina Espírita, não há dores inconsoláveis, porque ela é o remédio para todas as dificuldades e todas as dores; basta recorrer a ela nas horas mais difíceis, que se encontrará consolo.

Miramez, Filosofia Espírita, (Livro XIX, Cap. 936 – Dores inconsoláveis.

– questão 0936, (João Nunes Maia)).

(Comentários sobre as perguntas e respostas de O Livro dos Espíritos, mostrando a amplitude dos ensinamentos da codificação).

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valemos pelo que fazemos.